

Director-Editor FERREIRA DA SILVA quem deve ser dirigida toda correspondencia

Endereço telegraphico «ALGARVE» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informaçoes anonimas

Redacção e administração Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 13 de maio de 1921.

ASSINATURAS

Pagamento adiantado Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... 13:0 Colonias e Estrangeiro... 25:0

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Na 3.ª e 4.ª pagina, cada linha, \$

Nas outras paginas, contrae. especial

Composto e impresso na Tipografia d'«O Algarve» RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

A falta de chuvas A abundancia de impostos

A diminuição e sobretudo a irregularidade das chuvas está alarmando os agricultores do país e muito principalmente os do Algarve.

Não podia deixar de ser. A continua devastação das arvores para lenha, e são sempre as maiores e que fazem mais falta—devia trazer-nos este resultado certo e preciso ou as cousas fariam a avidez ou a necessidade obrigar a recorrer por esta forma as reservas florestaes que de sorte a sul muito concorreram para minorar a crise de combustivel resultante da guerra, mas as consequências são inevitáveis não só para um periodo transitorio, como devia ser, por que a devastação por um lado devia ter correspondido a sementeira e propagação dos arvores por outro.

Tal se não faz por que as nossas leis não protegem estas cousas essenciaes na vida de um país, e ainda o agravamento das taxas successoras levará ao desinteresse pelos trabalhos em que é indispensavel a acção do tempo e o aumento de impostos produzirá ao mesmo fim. O que verdade é que com um clima destes e as culturas carissimas como estão, não havendo certeza nenhuma nos resultados das culturas anuaes, cada vez estas não se restringirão com resultados desastrosos para o nosso país, sem outras industrias que he deem vitalidade e com a depreciação da moeda actualmente, sendo de adquirir cada vez mais os alimentos de que se precisa no estrangeiro.

Se o tempo continúa sem chuvas, de que é que este ano se pagam impostos no Algarve? E se a lei 1096 em reclamação era uma cousa impossivel para alguns proprietarios que pagavam mais do que recebiam, o que sucederá com as novas emendas que elejam a 2.ª vez o que essa monstruosidade já levava? Com as sucessões é que a industria agraria do Algarve recebe o golpe de misericordia. Quem ha-de estar a plantar uma arvore que

leva 20 a 30 anos a fazer para que o Estado seja o primeiro herdeiro que em certos casos levá mais do que todos os outros?

E' claro que todas essas recommendações de maior produção, quando o interesse não ajuda, entram por um ouvido e sahem pelo outro e fica só uma entidade moral, o Estado, a fazer plantações. Ora como o Estado as mais das vezes não faz nada, está-se a ver o que será daqui a anos essa beleza de plantações e esses aumentos de produção. Impostos que em 1919 rendiam 6.800 contos, quer o sr. Ministro que rendam 100.000! Que bela elasticidade de imposto e que riqueza não estava espalhada pelos agricultores que podem dispensar, ficando-lhes ainda o capital de exploração necessario para aumentar a produção, como bem se aconselha e se prega no Ministerio da Agricultura e o sr. Ministro das Finanças aproveita a bela disposição da Camara que tanto lhe vota 100.000 como 200.000 tendo como ponto de partida 6800. Assim, ainda que não se queira perde-se o gosio de trabalhar porque tudo que é um exagero se faz sentir nas suas desastrosas consequências e, se os productos elevaram um pouco os preços das cousas, a faculdade de produção diminuiu com a carestia desproporcionada da mão d'obra e da materia prima da maquina agricola, os adubos e a cultura da terra sofre, mesmo sem esses impostos exagerados, o que fará com eles?

Como se vê pela falta e irregularidade das chuvas, o nosso solo não pôde comparar-se em produtividade com o solo da França. Pois pelos incentivos e pelo cuidado em não agravar a sua agricultura nem as suas industrias, em 1920 aumentou a produção agricola e industrial daquele país mais de 8.000 milhões de francos! A produção de subsistencias é tal que quasi não é necessario recorrer á importação, mas ali as industrias e a agricultura não são tratadas como o inimigo, ao qual nem se quer dá tempo de preparar a defeza! Valha-nos Deus!

ECOS DA SEMANA

Homenagem ao Algarve

Do programa da recepção a fazer aos congressistas da Conferencia Internacional do Comercio que se realizará em Lisboa nos dias 25, 26 e 27 do corrente mez, figura a realisação duma merenda dada aos congressistas em barracas de cada uma das regiões do país, e nas quaes serão oferecidos doces, frutas e vinhos dessas regiões. Dessas barracas está em organisação, em primeiro lugar, a do Algarve, facto que nos agrada constatar por ele comprehender uma cativante homenagem á nossa provincia.

As cedulas

O nosso colega «Diario de Noticias», de Lisboa, empenhou-se numa justissima e bem orientada campanha tendente a fazer substituir essas nojentas cedulas que por ali circulam com grave risco da hygiene publica.

Para o efeito colheu o nosso querido colega a sensata opinião

De Lisboa (Carta semanal)

O famoso decreto e a famosa amnistia—Para as florinhas da rua —Cooperativismo

Corre já os dominios da ironia e da critica justiceira, ainda que mordaz, a celebre invenção de Bernardino Machado anulando numa raja ja de mau humor o decreto que constituia o parlamento que vigorou no tempo de Sidonio Paes, e bem assim o que determinou o exilio do mesmo Bernardino.

Por este criterio, isto é, anulando esse parlamento e esse exilio, Bernardino quer desmanchar e anular uma coisa «que de facto existiu», o que é em materia juridica e social, um autentico absurdo, e dá, ipso facto, como nula a eleição, feita nos termos devidos pelo Parlamento, do sr. Canto e Castro e até a do proprio sr. Antonio José de Almeida.

Bernardino julga-se assim com direito a cadeira presidencial, o que corresponde a um acinte ao actual presidente, e pretende anular todas as resoluções de um parlamento que teve a sua nomeação por vias absolutamente legais e de harmonia com a constituição do país. Com esse anulação consideram-se sem efeitos todos os tratados feitos com o estrangeiro, entre os quaes figura a ratificação do da Paz!

Quem maior contracenso, quem mais coisa mais comica?

Menos comico e mais revoltante é esse diploma que Orlando Marçal pretende fazer aprovar no mesmo parlamento que aprovará e outro decreto acima indicado. Tem aquele o fim de amnistiar crimes communs, todos cometidos nas condições mais barbaças e traçoceiras, e a que se pretendem chamar «crimes politicos».

Estão neste caso os bombistas, que assassinaram os juizes do tribunal de defeza social, e—pasmaló gentes—o proprio José Julio da Costa assassino dum chefe de Estado portuguez!

Não estraguemos palavras a verberar o procedimento do apresentante do projecto. Cheios de vergonha pelo caminho que esta Patria leva, sentindo uma vez mais, e bem dolorosamente, o precipicio em que nos afundamos, apenas

nos aflora ao labios esta pergunta: Homens honestos e independentes de Portugal: Ainda não é tempo de intervir!

O poetico romanso lisboeta que se chama Jardim da Estrela, teve ha pouco a encantadora primazia de ver entre a sua relva e os seus lindos malmequeres, toda uma aluvião de senhoras da nossa melhor sociedade consagrando-se a uma obra piedosa e cheia de altruismo; a protecção ás Florinhas da rua.

Não quiz tambem o corpo diplomatico deixar de honrar essa festa com a sua presença, manifestando assim, uma vez mais, a sua absoluta concordancia com a obra da gente burguesa e aristocratica, tão diferente nos processos e nas obras dos nossos «defensores» e dos nossos «parlamentares».

E a festa resultou assim bela e util. Bela porque nunca lhe faltou a arte e a graça, util porque foi valiosa a colheita em prol das creancinhas desamparadas.

Vae realisar-se de 10 a 12 de junho futuro, o primeiro congresso das cooperativas portuguezas.

Creaturas inteligentes que ainda dispensem a esse problema o melhor da sua boa vontade e do seu esforço, tomam parte nessa manifestação de força cooperativa e interessam-se porque ela resulte util.

Na verdade, o cooperativismo seria uma das formas de melhor soluçõnar o grave problema das subsistencias, o mesmo é que dizer do encarecimento da vida, se neste país se pensasse mais nos problemas de ordem economica e social que nos problemas de baixa e repugnante politica.

Entretanto, e atenta a boa vontade dependida por aqueles elementos, natural é que o Congresso resulte brilhante e preencha nobremente o fim para que é convocado.

Para esse «desideratum» fazem os mais ardentes votos.

J. F. S.

NOTAS E COMENTARIOS

Portugal é um país verdadeiramente original!

Emquanto lá fóra se procura debelar a pavorosa crise que assola a Europa desde a grande guerra; enquanto os países aliados e os imperios centreaes procuram equilibrar as suas finanças, desenvolvendo a industria e o fomento, adoptando medidas de alcance moral e pratico, em Portugal o governo e o parlamento discutem um decreto absurdo que anula o acto revolucionario de 5 de Dezembro—coisa estupenda que só lembra aos politicos portuguezes!

—deixando pendentes os grandes problemas de salvação nacional! Mas o que ganha o país com a discussão de um decreto que só interessa aos caprichos e á vaidade do senhor presidente do ministerio? Se depois de cada revolução republicana, houvesse de ser anulada a obra dos vencidos, o que estaria de pé neste desgraçado país?

Nada, porque até os legisladores de agora, para felicidade da Patria, teriam dado a alma ao creador!

Emquanto lá fóra se fazem grandes reduções de despesas, em Portugal, os governos vão iludindo o publico com falsas promessas de compressão, escancarando os cofres do Estado aos seus amigos e aos seus correligionarios politicos.

Agora, com mais um decreto,

pretende-se meter no exercito todo o bando de exploradores da ideia republicana! Olçam:

«Reintegra no exercito e nos postos que lhes forem attribuidos os militares e ex-militares que a commissão de guerra apurar haverem tomado parte em qualquer dos movimentos revolucionarios desde 31 de janeiro de 1891 até ao do Norte, de 13 de fevereiro de 1919 e que, pela forma com que contribuíram na parte activa que nelles tomaram se tornem dignos desta recompensa.

A antiguidade e o posto ficam dependentes do apuramento.

Etc... etc...» Não ha ninguem, absolutamente ninguem, que não saiba ler nestas entrelinhas! Um decreto feito expressamente para os que não veem na Republica se não um meio de engordarem.

Um decreto para os afitados que não largam as portas dos ministerios!

Soldados que querem ser sargentos! Sargentos que querem ser officiaes! Subalternos que querem ser generaes! Vadios que querem a farda e uma gamela!

Ainda não basta a aluvião de heroes que possuímos!

Não nos chega os que nos deu o 5 de Outubro, os que nos deu a França, os que nos deu a Africa, os que nos teem impingido os nossos parlamentares, as juntas de paróquia e os barbeiros de aldeia?

Ha 11 anos a fazer heroes e ainda não estão cansados! Basta! Por piedade, não envergonhem mais a memoria dos autenticos heroes!

Nunoel Caetano de Sousa

PAROLANDO...

O Eugenio na literatura

Entende V. E. que é severo dizer as verdades? Pois, eu não sei dizer nem praticar outra coisa, e se a validade de alguém não o souber comprehender tanto pelo Lisongear? Não tenho feição e isso está em contradicção com todos as predicas desses reformadores que accusam os grandes artistas de subirem por ter lisongeados os mais instintos do publico. E se todos fizessem como eu, creia que haveria reputações mais solidas, menos american gold a passar por ouro de lei, e não haveria tanto marjola a fugir de pessoa de bem e a insultar os homens honrados porque os não deixam exhibir á vontade.

—Eugenio amigo, não entre novamente no vastissimo campo das suas considerações politico sociaes.

—Tem razão, mas que quer? O sonho é o arraijal florido onde o espirito retoica.

—Essa é boa Eugenio! E' sua? —Autentica. Pedia ser do meu padrinho conselheiro Acacio ou do meu amigo Antonio Cabreira, mas é minha. Legitima como as cedulas da Casa da Moeda.

Voltemos porém, a arte e ao meu querido Julio Dantas que eu terei força para arrancar das garras destruidoras do nosso simpatico Sancho, senão com mais audacia pelo menos com mais argumentos.

Demonstrado está, me parece, e com abundancia, que não ha teatro nem trucs e que o proprio teatro é um truc, e, portanto, que não ha peças sem trucs, como demonstrado está que artistas por simples amor á arte, só a quele tenor do Duo da Africana que cantava por amor a dita e que por isso era um tenor gratis. A arte, para o ser precisa ter exito e tendo-o ganhar aquilo com que se compram os melões, a tal vilana moneta sem a qual nem as moscas se aguentam neste picaro mundo. Artistas que não façam caso do publico nem do dinheiro, são fantasmas que a gente não encontra nem nas sessões de espirítismo porque os espiritos só se sustentam de ar.

Demonstrado está tambem que o teatro mais duradouro não é o das psicologias, mas a quele que reúne tudo o que o publico aprecia. «Monet oblectando». Instruindo divertindo ou divertindo instruindo; mas que divertimento e que instrução nos traz o teatro moderno transplantando para a scena a psicologia do adulterio nas suas inumeras nuances; a psicologia dos ladrões, nos varios aspectos das diferentes categorias sociaes; a psicologia dos coltadinhos, na expansão das suas fraquezas sentimentaes; a psicologia de todas essas miserias, de todas essas baixezas que constituem o aspecto mais asqueroso da humanidade?

Quanto mais belo não é, na sua essencia e nos seus resultados, o teatro romantico exaltando as acções nobres, glorificando os nobres sentimentos? Quanta nobreza e quanto cavalheirismo não havia em todas essas peças em que o Amor, o Bem, a Verdade e a Justiça triunfavam sempre á custa das mais profundas dedicações, dos mais cruéis sofrimentos e dos mais extraordinarios perigos e sacrificios?

—Eugenio estou quasi, quasi de seu partido. Efectivamente eram melhores aquelas que está. Você tem quasi razão fazendo esse juizo das peças e dos films de hoje. Mas a gente não pôde dizer isso em publico, como dizia o seu mestre de critica; em vez de nos convençerem insultam-nos.

—A mim não me importam esses insultos. Eu digo o que sinto e entendo cumprir um dever defendendo as minhas ideias. Esse teatro é o teatro que emocionou sempre não digo a parte mais «intellectual» a parte mais nobre da sociedade que é a que tem menos sinceridade nas manifestações exteriores da sua sensibilidade, mas a grande maioria do publico. Ora esse teatro é do sr. Julio Dantas. As suas obras são como as de Rostand, as obras de um poeta apaixonado da sua patria da sua arte e com um refinado gosto, como Anatole France, por tudo o que é antigo e por tudo o que é nobre.

O seu teatro é um teatro episodico em que se expandem os seus profundos conhecimentos da lingua, as autenticas belezas do seu engenho poetico e dramatico e os seus profundos sentimentos de patriotia.

Julio Dantas é o mais legitimo interprete poetico e dramatico do sentimento nacional. Emquanto neste país, em meio de brancas aregas, de luar claro e céu azul, uma guitarra bem afinada, uma voz bem expressiva e doce, cantando um fado dolente e triste, fizer vibrar os corações, e fizer chorar os olhos, Julio Dantas, terá sempre o culto que merece, a admiração geral.

E' que Julio Dantas é o poeta da tristeza, é o poeta em que o sentimento fatalista e aventureiro desta raça de heroes e de santos, encontra o seu mais legitimo interprete, e a sua mais completa expressão artistica.

Ele canta e define como nenhum outro, como nenhum mais, as nossas tristezas misticas, os nossos sonhos de aventura, os nossos fremitos de heroicidade. Essa «Coisa dos Cardeaes, na qual o sr. Sancho se não atreveu a ferrar o dente, salvo seja, o que é como obra teatral, em face das revelações de critica dramatica que o sr. Sancho nos dá no trecho do seu livro em gestação teratogenica? Nada ou pouco menos. O que ali está, o que nós ali escultamos embevecidos e encantados não são as psicologias daqueles cardeaes fantoches, é o hino que eles entoam numa lingua gem de sonho, ao amor, ao cavalheirismo, á nobreza da raça latina. Aquilo representado em Londres, Now York, ou Quebec, não comeria ninguem, nenhum o compreenderia.

Duvida disto meu amigo? —Camrada Eugenio, estou ouvindo com verdadeiro prazer. E se você imaginava com essa pergunta encontrar um contendor—enganou-se—Estou de acordo. Aquilo só latinos entendem e só latinos apreciam. Tem razão. Aquilo é o resumo dos nossos proprios amores, a propria expressão dos nossos sentimentos e agrada-nos porque o entendemos e porque o sentimos. —Bravo, bravo! Isso é que é falar! Não o supunha capaz dessa expansão.

—E' porque você, não reparou ainda que tenho o cabelo preto a cara da cor de certos frutos abundantes em calda e que nasci em Cachopo, all na serra. Montanhoso e serrano dos quatro costados.

—Ora ainda bem que assim é. Estimo ter he prestado ensejo para fazer essas declarações elucidativas pois, me parecia ve lo fluctuar entre a corrente modernista e a forte corrente das reivindicações integreas?

—Alto! Alto! Nem integrallismos nem sebastianismos. Eu procuro ser homem do meu tempo e se o não sou por completo é porque nasci no seculo passado. Não tenho nem quero ter manhas de caraqueijo. Tudo é bom quando os homens são bons. Como quer você reformar os costumes e a politica sem reformar a educação dos homens.

Previsavamos de menos politica e mais educação, mas infelizmente só temos politica e da peor. O nosso inolvidavel Ludovico, que é o em preiteiro geral de todos os congressos, a alma páter, o pilar fundamental de todas essas amaveis, pátreas, inofensivas e agapicas reuniões, descobriu o outro dia, ao visitar pela milissima vez a nossa Beira, muito admirado, o fremito das verdades, segundo ele comunicou ao paiz absorbo no indiscreto Seculo, e você quer agora descobrir nas minhas palavras correntes de reivindicações integreas. Ora deixe-se de diálogos. Você já sabe o que sou!

—Muito bem. Sei perfeitamente. Mas o meu amigo é rapido, não se quer admitte estas «cousas ideias» para fazer estilo como diz Guerra Junqueiro.

—Tem razão. Eu cheguei a tomá-lo a serio. Desculpe não ter reparado que você fazia estilo. Vamos ao resto das suas apreciações sobre o nosso amigo Dias Sancho. Preciso de ouvir-o até ao fundo e a conversa com estas digressões não se acabaria hoje.

seus profundos sentimentos de patriotia.

Julio Dantas é o mais legitimo interprete poetico e dramatico do sentimento nacional.

Emquanto neste país, em meio de brancas aregas, de luar claro e céu azul, uma guitarra bem afinada, uma voz bem expressiva e doce, cantando um fado dolente e triste, fizer vibrar os corações, e fizer chorar os olhos, Julio Dantas, terá sempre o culto que merece, a admiração geral.

E' que Julio Dantas é o poeta da tristeza, é o poeta em que o sentimento fatalista e aventureiro desta raça de heroes e de santos, encontra o seu mais legitimo interprete, e a sua mais completa expressão artistica.

Ele canta e define como nenhum outro, como nenhum mais, as nossas tristezas misticas, os nossos sonhos de aventura, os nossos fremitos de heroicidade. Essa «Coisa dos Cardeaes, na qual o sr. Sancho se não atreveu a ferrar o dente, salvo seja, o que é como obra teatral, em face das revelações de critica dramatica que o sr. Sancho nos dá no trecho do seu livro em gestação teratogenica? Nada ou pouco menos. O que ali está, o que nós ali escultamos embevecidos e encantados não são as psicologias daqueles cardeaes fantoches, é o hino que eles entoam numa lingua gem de sonho, ao amor, ao cavalheirismo, á nobreza da raça latina. Aquilo representado em Londres, Now York, ou Quebec, não comeria ninguem, nenhum o compreenderia.

Duvida disto meu amigo? —Camrada Eugenio, estou ouvindo com verdadeiro prazer. E se você imaginava com essa pergunta encontrar um contendor—enganou-se—Estou de acordo. Aquilo só latinos entendem e só latinos apreciam. Tem razão. Aquilo é o resumo dos nossos proprios amores, a propria expressão dos nossos sentimentos e agrada-nos porque o entendemos e porque o sentimos.

—Bravo, bravo! Isso é que é falar! Não o supunha capaz dessa expansão.

—E' porque você, não reparou ainda que tenho o cabelo preto a cara da cor de certos frutos abundantes em calda e que nasci em Cachopo, all na serra. Montanhoso e serrano dos quatro costados.

—Ora ainda bem que assim é. Estimo ter he prestado ensejo para fazer essas declarações elucidativas pois, me parecia ve lo fluctuar entre a corrente modernista e a forte corrente das reivindicações integreas?

—Alto! Alto! Nem integrallismos nem sebastianismos. Eu procuro ser homem do meu tempo e se o não sou por completo é porque nasci no seculo passado. Não tenho nem quero ter manhas de caraqueijo. Tudo é bom quando os homens são bons. Como quer você reformar os costumes e a politica sem reformar a educação dos homens.

Previsavamos de menos politica e mais educação, mas infelizmente só temos politica e da peor. O nosso inolvidavel Ludovico, que é o em preiteiro geral de todos os congressos, a alma páter, o pilar fundamental de todas essas amaveis, pátreas, inofensivas e agapicas reuniões, descobriu o outro dia, ao visitar pela milissima vez a nossa Beira, muito admirado, o fremito das verdades, segundo ele comunicou ao paiz absorbo no indiscreto Seculo, e você quer agora descobrir nas minhas palavras correntes de reivindicações integreas. Ora deixe-se de diálogos. Você já sabe o que sou!

—Muito bem. Sei perfeitamente. Mas o meu amigo é rapido, não se quer admitte estas «cousas ideias» para fazer estilo como diz Guerra Junqueiro.

—Tem razão. Eu cheguei a tomá-lo a serio. Desculpe não ter reparado que você fazia estilo. Vamos ao resto das suas apreciações sobre o nosso amigo Dias Sancho. Preciso de ouvir-o até ao fundo e a conversa com estas digressões não se acabaria hoje.

(Continua).

Paschoal Segredo,

A nossa pesca e a Hespanha

Sobre este assunto recebemos a seguinte carta:

...Sr. Director d'O ALGARVE:

Acabo de ler o seu sensato artigo Não confundamos com o qual estou plenamente de acordo. Nenhum congresso nos pode impor alterações alguma ás convenções estabelecidas e as leis internacionais sobre a pesca. Alem disso, o Congresso Internacional de pesca de Santander realisa-se em Hespanha como podia realisar-se em Portugal. Permite que do Regulamento do referido congresso eu copie alguns artigos que ajudam a simplificar e até podem servir para permitir aos patriotas que quiserem ir lá expor as suas ideias e defender os interesses que julguem ameaçados: Artigo 1.º O governo hespanhol por proposta do VI Congresso Internacional de pesca (Ostend 1913) convoca em Santander para os dias 31 de julho a 7 de Agosto, proximo o VII Congresso Internacional de Pesca.

Art. 2.º O congresso terá por objecto estudar e discutir as questões concernentes ao estado actual e ás necessidades da pesca marítima e fluvial assim como os meios praticos para o seu fomento, com sujeição ao programa geral que váe junto, e formulará as conclusões que devem ser submetidas á consideração dos governos.

Art. 3.º A organização do congresso está confiada á comissão organisadora e executiva nomeada pelo decreto real de 29 de Dezembro de 1920.

Art. 4.º Serão membros do congresso os delegados nomeados para esse efeito pelos governos e pelos centros officaes, administrativos e technicos nacionaes e estran-

geiros relacionados com a pesca. Poderão ser membros do congresso: os representantes de instituições scientificas, de associações de operarios pescadores e de industrias ligadas e derivadas, afccionados de pesca, representantes da imprensa profissional de pesca e também qualquer outra pessoa relacionada com a pesca, que de-seje sê-lo.

Art. 5.º As pessoas que estando comprehendidas no artigo anterior, desejem concorrer ao congresso enviarão ao secretario geral antes de 30 de julho a sua adesão acompanhada de 15 pzetas no caso de representarem entidade ou apresentar trabalhos e de 50 pzetas nos outros casos, comunicando ao mesmo tempo ao dito secretario o seu nome apelido, titulo nobiliarchico ou profissão, representação e domicilio. O referido secretario remeter-lhes-ha a sua correspondente carteira de membros do congresso.

Como vê sr. director d'O Algarve é facilissimo para esta provincia fazer-se representar no congresso de Santander. Se houvesse perigo podia até ir um numero alto de congressistas que decidisse das votações.

Espero que todos os que se sentem alarmados e que são patriotas não deixarão de ir ao congresso para fazer valer os interesses do Algarve.

Juntarão á sua patriótica missão um passeio a uma cidade bem amena e talvez tenham occasião de comprehender que precisamos de desfazer equívocos para desfazer barreiras entre dois povos vizinhos cujo interesse imperioso é o de se conhecerem para se amarem e defenderem como amigos, como companheiros e como irmãos.

J. A.

Mister Pinder Pinderico!

Ao annunciarem-lhe um dia que o Canadá trocava trigo por vinho o portuguez, sonhador e idealista traçou nos largos horizontes da sua imaginação uma combinação feliz que lhe permitiria encher Portugal de pão e inundar o Canadá de vinho. Como realizador deste anciente sonho de ventura, que permitiria, além disso encher de videiras as ultimas geiras da terra onde ele cultivava o milho, appareceu-lhe o Nascimento nome symbolico para um negocio que nunca ninguém realisara. Comissões de cavalheiros sizudos, interessados no assunto se formaram estudar a rica e feliz combinação e os portuguezes do vinho e do pão, esperavam impacientes, nos bicos dos pés por dectas dos cavalheiros comissionados, espreitando, a ver se mergulhavam os ancios olhos nalguns pormenores dos trabalhos dessas comissões. Baldado empenho. Mas o que tinha de ser foi—as comissões, de papeis na mão e lapis etraz da orelha, disseram que a combinação era boa, especialmente para o Nascimento. Mas havia que tomar resoluções decisivas e quando o negocio estava na «boa hora» apparece a parturejalo para o meter no papo um olimpico, inglez, canadiano, ou qualquer coisa estranha—Mister Pinder. Quem é Mister Pinder, elevado pelos cretos insondaveis de acaso á providencia do vinho e do pão deste derreado pais?

É uma personagem de «film» internacional, um ironista que ha muito explora neste jardim da Europa a beira mar plantado o filão inexgotavel da cubica humana. Alguns dizem que é a imaginação de um Scheriac ao serviço de um refinado cavalheiro de industria mas a opinião mais corrente é de que não passa de um habil quadrilheiro da «vingarices» internacional.

Ali em Olhão, praticou segundo nos consta, durante bastante tempo varias proesas não conseguidas que algum dos fortes e rudcs pescadores victimas das suas escuras queries se chegasse a zangar para o correr a pontapé ou o escorchar como um atum de revez. Vingavam-se eles das intrugissas do homem adjectivando-lhe os cheques. Quando apparecia o papel tentador nas mãos de algum que caíra nas intrugissas do Mister Pinder, os que já tinham sido enganados, riam-se, dizendo:

—Isso é um cheque pinderico. E daqui veio o vocabulo com que os bons olhaneses significavam a falsidade do enganoso papel e do trapalhão que o emittia.

Pinderico, de Pinder, pelintra vigarista, falso, como um cordão de pechisque. Pinder embaixador vigarista do pão e do vinho, heroe do bluff internacional, intrujão e trapalhão só a Lisboa dos ocumeurs de negociatas escuras e da politica estomacal, com unhas na palma da mão e orelhas de burro, te podia tomar a serio. Pinder! Pinderico! Salvé!

DE BASPÃO Um amigo

Nun laconico mas expressivo telegrama escondido no final da Necrologia do velho diario, chega-me a noticia do falecimento do querido amigo Carapeto que conheci em Faro como um do mais belos camaradas e um dos melhores caracteres.

Volta a sua alma para as suaves regiões do Alem, e eu, que não choro os mortos, porque para mim—espirito de evolução e de ideal—a morte é a suprema vida, a grande e inigualavel conquista, choro no entanto o afastamento do convívio terreno de quem, como Carapeto, tinha um lugar religiosamente reservado no meu coração moço, desde o primeiro dia em que o conheci.

Lembro-me agora—e com que saudade!—dos nossos belos momentos de espiritalidade, da nossa suavia comunhão, quando, reunida essa meia dúzia de amigos (e que bons amigos!) fazíamos as nossas comunicações com o Alem! E lembro-me do Carapeto, o nosso querido velhote, o nosso avô, como eu um dia o aleanhei num desabafo innocente de bom camarada sempre tão atento a tudo, sempre tão cheio de fé e de respeito!

Querido amigo: junto do teu coval eu desfolho a flor espirital da minha prece a Deus pela tua perjeição. E a Ele peço que faça de meu filho, algarvio como tu eras, o mesmo homem de bem, de caracter e de sentimento.

Suicidio original

Um tuberculoso mele na boca uma bomba de dinamite fazendo a rebentar

Em Silves occorreu na segunda feira um caso que consternou toda a população daquela cidade.

Antonio Netto, de 45 anos, casado, rolheiro, que ha tempo foi atacado pela tuberculose, convencido que o mal de que viaha sofrendo era incuravel, suicidou-se fazendo rebentar uma bomba de dinamite dentro da boca.

Ficou em horroroso estado, sem cabeça sentada na cama e nas paredes do quarto a massa encefalica,

NOTICIAS PESSOAES

Regressou na terça feira de Lisboa, com sua esposa, o sr. dr. Fructuoso da Silva, um dos agentes do Banco de Portugal em Faro.

—Esteve na capital o sr. Antonio Lopes Barreto Junior, secretario de finanças deste concelho.

—Foi a Sevilha o commercial desta cidade sr. Antonio da Costa Mealha.

—Estiveram em Faro os sr. dr. Virgilio Galado e André Correia de Lagoa.

—Com sua esposa e netas regressou a esta cidade o sr. Augusto de Jesus Maria Alves, funcionario dos correios e telegrafos, que ha meses se encontravam em Lisboa.

—Vimos nesta cidade o sr. José R. Marques, comerciante em Vila Real de Santo Antonio.

—Com sua esposa regressou de Lisboa o sr. Antonio Martins Paula, farmaceutico desta cidade.

—Está em Faro o nosso conterraneo sr. Alfredo Canelas.

—Tem estado doente o sr. Joaquim Candido Cunha, director do Cine Teatro Farense.

—Vimos nesta cidade o sr. Jacintho Fialho Maceta, de Alre.

—Retirou de Vila do Bispo para Taboça, onde foi colocado em comissão, o secretario de finanças sr. Antonio Julio do Sacramento.

—Esteve em Lisboa o correspondente do Seculo em Lagos sr. Antonio da Silva Freitas.

—Regressou de Lisboa o sr. Alfredo da Silva.

—Para o Alportel, onde tem estado a mudança de ares, veio de Beja o sr. Jacinto de Melo Garrido.

CARNÊS

A comissão de abastecimentos deste concelho determinou que até nova ordem os preços das carnes verdes sejam os seguintes: Vaca limpa, a 3200 reis o quilo, com osso a 2900 reis. Carneiro, 2900 reis, fig do de vaca, 2900 reis, dobrada e bofe, 600 reis, mãos de vaca, 800 reis, cada, pés de carneiro, 100 reis.

Por bom caminho

O presidente da Camara de Faro, sr. dr. Antonio Galvão, mandou distribuir pela cidade os seguintes avisos que entendemos dever publicar:

A Camara Municipal de Faro avisa todos os consumidores de luz electrica que continua suspensa e clausula que no contracto com a Companhia de Electricidade respecta ao pagamento do minimo de consumo.

Esta deliberação tomada em sessão de 25 de fevereiro passado, como é publico e notorio, persiste porque os serviços da Companhia de Electricidade, mercê de causas que a Camara não discute aqui, em cada vez mais irregularidade.

A Camara, exgotados todos os meios de prudencia e ponderação que foi forçada a usar, afirma aos municipios o seu decidido apoio ás justas reclamações contra as deficiencias dos serviços de electricidade.

A primeira e mais importante reclamação respecta aos minimos, que se não devem exigir sendo irregularissima, como está sendo, a illuminação publica e particular.

Pois a Camara mantém a suspensão dos aludidos minimos e espera que todos os consumidores cumpram gostosamente esta deliberação para que ella possa produzir os seus efeitos.

Só lemos que aplaudir a attitude da Camara intervindo com energia para fazer cessar a treça com que o sr. Valverde e a sua companhia se permitem atusar da paciencia dos habitantes de Faro.

Quando a camara assim defender dos que a elegeram não lhe regatearemos o nosso aplauso.

Orfeon do Lyceu Camões

Deve chegar a Faro nos fins deste mez o orfeon do «Lyceu Camões» composto de mais de 100 figuras e que em Lisboa e em diversas terras da provincia tem despertado um justo interesse. Cantarão seis soberbos numeros de musica e colhida e o grupo dramatico do mesmo liceu desempenhará a peça em verso «Historia Antiga» e a zarzuela «La Viegecita».

É pois de esperar que o publico de Faro corresponda com a sua costumada boz vontade aos alegres rapazes que ahi vão chegar.

Falta de espaço

Por falta de espaço não podemos publicar varias noticias e artigos entre os quaes uma carta do sr. dr. Antonio Galvão, digno presidente da comissão executiva da Camara Municipal e uma noticia referente ao Congresso Regional Algarvio as quaes publicaremos no proximo numero.

Necrologia

Em Lisboa, nonda a doença de uma pessoa de familia o lloba levado, sucumbiu na madrugada de segunda feira, vitimado por um ataque de albuminuria, o nosso velho amigo sr. José de Brito Carapeto, prestante e estimado proprietario desta cidade.

Apezar de sabermos que o seu estado de saude era periclitante, não supunhamos, todavia, que tão cedo a morte o roubasse aos carinhos da familia que o estremece, e ao convívio dos amigos que muito o estimavam.

José de Brito Carapeto que foi um exemplar chefe de familia, era natural de Loulé e contava 62 anos de idade.

O seu funeral foi muito concorrido, pois o finado contava grande numero de amigos.

A sua familia a expressão do nos sepezar, que é bem sincero.

Faleceu no dia 11 do corrente em S. Bartholomeu de Messines o sr. Joaquim Thomé de Sousa Reis Remedicho, neto do celebre guerrilheiro Remedicho e primo do nosso presado amigo sr. dr. João Victorino Mealha, secretario geral do governo civil deste districto e distinctissimo advogado nos auditorios desta comarca. O sr. Joaquim Thomé, nome por que era mais conhecido, era um cavalheiro estimadissimo pelos seus dotes de caracter e por isso o seu funeral que foi imponente constituiu uma verdadeira consagração das suas excelentes qualidades.

Ao sr. dr. J. Victorino Mealha e a toda a familia enlutada apresentamos a expressão da nossa condolencia.

Contribuição Industrial e predial

Foi prorogado até 31 do corrente mez o prazo para as reclamações da contribuição industrial e predial rustica a que se referem os decretos de 6 de junho de 1917 e de 28 de dezembro de 1920.

Dão se alvigaras. Na Avenida de Santo Antonio ou immedições, perdeu-se uma pele preta de raposa. Quem a achou póde entregála na rua Filipe Alistão, n.º 12.

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 10 de maio de 1877

A direção do teatro «1.º Dezembro de 1640» delibero não dar entrada, nos espectaculos daque theatro, a individuos residentes em Faro, sem que sejam assinantes.

Exceptuam-se desta deliberação os que tiverem residencia eventual na mesma cidade.

—Effectuou-se ontem de o enlace matrimonial da ex.ª sr.ª D. Ana Veloso Pessanha Cabral, mana do nosso amigo, o bacharel João Veloso Pessanha Cabral, com um cavalheiro de Lisboa.

Apetecemos aos noivos todas as venturas.

Companhia de Moagem do Algarve

Informamos os Srs. accionistas de que o pagamento do dividendo de 1920, começa em 20 do corrente mez de Maio. Faro, 6 de Maio de 1921. A Direcção

ANUNCIO

Primeira publicação

Pelas 12 horas do dia 12 do proximo mez de junho á porta do tribunal judicial da comarca de Faro, se hão de arrematar a quem maior lance offerecer acima da avaliação os seguintes predios:

Primeiro: O direito á oitava parte de uma courela de terra no sítio dos Agostos, freguezia de Santa Barbara de Nexe que parte do nascente com Joaquim Cochado, avaliado em 562500.

Segundo: O direito á oitava parte de uma courela de terra de semear no sítio dos Agostos, que parte do nascente com o caminho, avaliado da em 562500.

Terceira: O direito á oitava parte de uma courela de terra matosa no sítio dos Agostos, que parte do nascente com Antonio do Carmo avaliado em 87350.

Quarto: O direito á oitava parte de uma courela de terra de semear no sítio dos Agostos que parte do nascente com Maria de Jesus, avaliada em 22350.

Quinto: O direito á oitava parte em uma courela de terra no sítio da Charneca, freguezia de Santa Barbara de Nexe, avaliado em 37550.

Sexto: O direito á oitava parte em uma courela de terra no sítio de Benatrite, freguezia de Santa Barbara de Nexe que parte do nascente com o caminho, avaliado em 87350.

Setimo: O direito á oitava parte de uma courela de terra no sítio de Benatrite, que parte do nascente com o caminho, avaliado em 112350.

Oitavo: O direito á oitava parte de uma courela de terra no sítio de Benatrite que parte do nascente e poente como caminho, avaliado em 43575.

Nono: O direito á oitava parte de uma courela de terra no sítio

Uva, Irmãos & C.ª Limitada

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 28 de Fevereiro de 1921 outurgada perante o notário da Comarca de Faro Doutor Joaquim Rodrigues Davim se constituiu entre José de Sousa Uva, João de Sousa Uva, Joaquim de Sousa Uva, Domingos de Sousa Uva, Francisco de Sousa Uva, e José de Sousa Uva Junior uma sociedade por quotas regulada pelas clausulas seguintes.

1.ª É transformada em sociedade limitada e passa a reger-se pelas clausulas e condições dos artigos subsequentes, a sociedade em nome colectivo «Uva, Irmãos & Companhia» que foi constituída por escritura de oito de Maio de mil novecentos e dezasseis, lavrada a folhas vinte duas verso do competente livro numero cento e onze de notas do meu cartorio.

2.ª Esta nova sociedade adopta a mesma firma da anterior com o aditamento legalmente exigido, ou seja «Uva, Irmãos & Companhia Limitada» e fica tendo a sua sede e domicilio em Faro, na Avenida da Republica numero cento e quatorze a cento e vinte tendo já uma sucursal em Olhão e podendo estabelecer sucursaes e qualquer outra especie de representação social onde e quando assim lhe convenha.

3.ª O seu objecto é o mesmo da sociedade transformada ou seja o commercio de artigos de importação e exportação e quaisquer outros que a sociedade resolva explorar excepto o bancario.

4.ª A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o começo desde o dia primeiro de Março do corrente ano.

5.ª O capital da sociedade é de cento e cincoenta mil escudos, dividido em seis quotas de vinte cinco mil escudos cada uma, respectivamente subscriptas por eles sócios, as quaes se encontram integralmente realizadas e se acham representadas pelas entradas e lucros que lhes pertencem da extinta firma «Uva, Irmãos & Companhia».

6.ª A presente sociedade toma a seu cargo todo o activo e passivo da extinta firma ora transformada «Uva, Irmãos & Companhia» conforme o seu ultimo balanço.

7.ª Não se poderão exigir prestações supplementares; qualquer sócio, porem poderá emprestar á sociedade as quantias que forem julgadas indispensaveis mediante juro nunca superior á taxa de desconto do Banco de Portugal.

8.ª É livremente permitida a cessão

de quotas entre os socios, no todo ou em parte, ficando interdita a cessão a favor de extranhos. Qualquer sócio que queira ceder a sua quota comunica lo-há á gerencia por carta registada, com trinta dias de antecedencia. A sociedade em deliberação tomada dentro dos trinta dias immediatos, liquidará a quota desse sócio pelo resultado accusado no ultimo balanço acrescido da sua quota parte no fundo de reserva, realisando-se o pagamento da respectiva liquidação em quatro prestações trimestraes, sendo a primeira paga no acto da outorga da escritura de aquisição.

9.ª A sociedade será representada em juiz e fora dele pelos sócios José de Sousa Uva e João de Sousa Uva, que ficam sendo gerentes sem retribuição nem caução. Os sócios gerentes podem usar da firma social que nunca poderá ser empregada para fins extranhos á sociedade.

10.ª Nenhum dos sócios poderá, por si ou em sociedade com outrem, directa ou indirectamente, exercer commercio o indetico áquele que for explorado pela sociedade.

11.ª Anualmente se dará balanço que será fechado em trinta e um de Dezembro devendo estar assinado por todos os sócios até trinta e um de Janeiro do ano seguinte. Os lucros liquidos serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, sendo deduzidas previamente a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal e quaisquer outras que a sociedade tenha por convenientes.

12.ª Os sócios reunir se hão pelo menos uma vez em cada mez, constando as suas resoluções do respectivo livro de actas.

13.ª No caso de interdição de qualquer dos sócios, os seus direitos serão representados na sociedade pelo seu tutor.

14.ª Em caso de falecimento, os herdeiros serão representados, em quando a quota estiver indivisa, pelo cabeça de casal, e depois da divisão pelo herdeiro que entre se descolherem.

15.ª Em qualquer caso de dissolução da sociedade serão liquidados todos os sócios.

16.ª Esta sociedade não se dissolverá nem pela vontade nem pelo falecimento ou interdição de qualquer dos socios, e apenas nos casos marcados no artigo quarenta e dois da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

17.ª Em tudo o mais omisso regulam-se as disposições de direito applicaveis e as deliberações tomadas em reunião dos socios.

Faro, 10 de maio de 1921.

O notario, Joaquim Rodrigues Davim

Vende-se uma armação e moleta de uma ourivesaria

Dirigir a esta redacção.

MERCERIAS

Mindezas e Papolaria

Por grosso e miúdo

Fornecimento para toda a provincia do Algarve e baixo Alentejo.

Grande sortimento a preços convidativos.

«ALFREDO DA SILVA L.ª», Rua D. Francisco Gomes, 30 a —FARO—

Aos tanoeiros e viticultores

Aduela de carvalho e arco ferro para pipas e barris. Existem em Lisboa e Porto. Vende-se ao melhor preço do mercado Johnson & Turner Ld.ª, Rua dos Douradores n.º 6, 2.ª — LISBOA.

Vendem-se

dois corpos de e tantos envidraçados e trez tabletas, sendo uma madeira e outra de zinco. Dirige-se a Rua d'Alportel numero 42.

Lancha a gazolina

Vende-se com logar para pessoas, prompta a navegar. Tinha Leonel Vellez d'Abreu. B. Retrozeiros—125, 1.º D. Lisboa